

O despertar da vocação: caminhos e motivos que me levaram à docência

Stéfani Lima

Universidade Federal do Pampa, stefanildf@gmail.com

Caren Albanio de Oliveira

Secretaria Municipal de Educação de Bagé

Moacir Lopes de Camargos

Universidade Federal do Pampa, moacircamargos@unipampa.edu.br

Introdução

A jornada rumo à docência raramente é linear, sendo construída a partir de experiências, influências e, sobretudo, de uma vocação que vai se revelando ao longo do tempo. Para muitos professores, o desejo de ensinar nasce ainda na infância, moldado por pequenas vivências que, à primeira vista, podem parecer simples ou casuais. No entanto, esses momentos acabam por compor uma trajetória significativa, repleta de desafios e descobertas. Neste relato, observamos como a autora, desde muito jovem, foi despertada para o ato de ensinar e como, ao longo dos anos, essas experiências foram sendo refinadas e aperfeiçoadas.

Mais do que um simples relato, o texto que se segue nos permite enxergar o papel transformador que a educação exerce, não apenas na vida de quem aprende, mas também na vida de quem ensina. O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) surge como uma peça-chave neste processo, proporcionando à autora a oportunidade de vivenciar o cotidiano de uma escola, compreendendo a complexidade do ensino e as particularidades de diferentes contextos sociais. Este programa não apenas preparou a autora para os desafios da profissão,

mas também despertou nela uma nova percepção sobre o papel do professor, especialmente em tempos de incerteza e pandemia.

Com uma narrativa envolvente, a autora nos convida a conhecer os momentos marcantes de sua formação, desde as primeiras interações com a educação até os dias atuais. Ela nos oferece um olhar humanizado e profundo sobre como cada experiência contribuiu para sua formação profissional, e como o PIBID foi um divisor de águas em sua trajetória. A seguir, mergulharemos nesse relato inspirador, que mostra como o caminho da docência é, acima de tudo, uma construção diária de resiliência, aprendizado e dedicação.

Desenvolvimento do relato

Meu nome é Stéfani Lima e, em outubro de 2020, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) na área de Espanhol, durante o terceiro período do curso de Letras - Línguas Adicionais Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas, na Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Campus Bagé. Esse ingresso ocorreu em meio ao primeiro ano da pandemia de COVID-19.

Desde a infância, sempre senti grande satisfação em ensinar, mesmo em atividades cotidianas, como cozinhar, recortar, brincar ou até mesmo ensinar a escrever palavras. Naquela época, tais ações me pareciam inovações fascinantes. À medida que avançava nos estudos escolares, meu interesse pelo ensino também se intensificava. Minhas professoras frequentemente comentavam com meus pais sobre minha “brincadeira” de ensinar aos colegas, que, por vezes, era vista com certo incômodo pelos demais alunos, especialmente nos intervalos das aulas, onde eu insistia em simular o papel de professora. Com o tempo, por orientação dos meus professores e pais, fui desestimulada a continuar com essa prática, devido ao temor de exclusão social, o que me levou a interromper essas atividades durante o recreio.

Alguns anos depois, com o nascimento de meu irmão, uma nova fase de aprendizado e responsabilidade se iniciou para mim. Aos 8 ou 9 anos, meus pais me explicaram que teria um papel importante em seu desenvolvimento, pois, juntos, precisaríamos ensiná-lo para que ele pudesse crescer e se tornar uma pessoa sábia. Esse momento despertou em mim uma busca incessante por mais conhecimento, uma vez que estabeleci como meta ensinar tudo o que eu aprendia ao meu irmão. Naquela época, ainda não tinha plena consciência de que o ensino seria a minha futura profissão, mas, de forma intuitiva, já manifestava o desejo de lecionar. Durante sua infância, ensinei-o a ler, escrever e jogar, preparando-o o melhor possível para ingressar na escola.

De maneira inconsciente, essas experiências iniciais moldaram minha relação com o ensino

e vieram à tona ao concluir o Ensino Médio, momento em que precisei escolher uma graduação. Ao olhar para trás, percebo que todas essas vivências refletem o que Mizukami (2013) descreve como o lento e contínuo processo de formação de professores.

Os processos de aprender a ensinar, de aprender a ser professor e de se desenvolver profissionalmente são lentos. Iniciam-se antes do espaço formativo dos cursos de Licenciatura e prolonga-se por toda a vida, alimentados e transformados por diferentes experiências profissionais e de vida. (Mizukami, 2013, p. 23).

Minha primeira opção de graduação foi Licenciatura em Química, também no campus Bagé da Unipampa, curso no qual ingressei em 2017 e permaneci até 2018. Por ter ingressado diretamente do ensino médio, minha escolha foi fortemente influenciada pela admiração que sentia por uma professora de Química, cuja excelência me inspirou a seguir o curso sem grandes reflexões sobre minhas preferências profissionais. No entanto, após alguns semestres, percebi que a Química não era a área em que eu gostaria de atuar como professora. Diante dessa constatação, tranquei o curso e dediquei a segunda metade de 2018 aos estudos para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo de ingressar em um curso mais alinhado aos meus interesses, o que ocorreu em 2019, quando optei por Línguas Adicionais.

Meu primeiro contato com as Línguas Adicionais, especificamente o Inglês, ocorreu no contexto familiar. Quando éramos adolescentes, minha prima iniciou um curso de Inglês, e nossas conversas sobre suas descobertas com o idioma despertaram em mim um interesse crescente pela língua. Até aquele momento, meu contato com o Inglês era superficial, limitado ao consumo de filmes e jogos, que raramente estavam traduzidos para o português. Com o passar do tempo, comecei a aprofundar meus estudos por meio de cursos online gratuitos, além de realizar leituras e pesquisar traduções. Como eu tinha acesso à internet e ao computador desde os quatro anos de idade, essas ferramentas facilitaram meu aprendizado autodidata, de forma que, aos 13 anos, eu já conseguia compreender o básico para utilizar em jogos online. Como de costume, compartilhei esse conhecimento com meu irmão, o que reforçou em mim a ideia de que ensinar poderia se tornar uma profissão.

Refletindo sobre essa experiência, percebi que poderia transformar minha vocação em carreira profissional, o que me levou à escolha do curso de Línguas Adicionais, que contemplava tanto o Inglês, língua com a qual eu já tinha familiaridade, quanto o Espanhol, idioma com o qual eu não tinha nenhum contato prévio. Inicialmente, o Espanhol me despertava certo preconceito e, devido a isso, cheguei a rejeitar o idioma no início do curso. Meu desinteresse foi tanto que, em 2019, não me inscrevi no Pibid, aguardando a abertura de vagas para a área de Inglês.

Conforme avancei nas disciplinas de linguística, comecei a desenvolver um interesse genuíno

pelo Espanhol. Ao estudar o idioma e entender seu contexto histórico e social, compreendi que muitos dos preconceitos que eu tinha eram fruto de questões sociais e culturais enraizadas, como a xenofobia e a desvalorização das nações vizinhas. Ao me aprofundar nos estudos sobre a língua e sua relação com lutas políticas e resistência na América Latina, minha perspectiva mudou completamente, e passei a enxergar o ensino do Espanhol como uma missão que deveria assumir. Ao final do segundo semestre do curso, já estava completamente envolvida com o idioma e aguardava ansiosamente pela abertura do edital do Pibid - Espanhol.

No entanto, em dezembro de 2019, surgiram os primeiros casos de COVID-19, e, em março de 2020, o Brasil já estava sendo fortemente impactado pela pandemia. Com a suspensão das aulas e a imposição de um período de quarentena, enfrentamos meses de incerteza e interrupção no calendário acadêmico. No retorno às atividades remotas, após o primeiro semestre de 2020, as inscrições para o Pibid - 2021 foram abertas, e percebi que aquela era a oportunidade ideal para me inscrever no programa. O Pibid, conforme destaca Paniago (2016), desempenha um papel crucial na formação dos futuros professores, promovendo o contato direto com a escola e valorizando a prática docente.

Essa experiência trouxe inúmeros desafios, principalmente devido ao contexto remoto imposto pela pandemia. O uso de plataformas como Google Meet, Google Classroom, Google Drive e Google Docs, ferramentas até então desconhecidas para mim, tornou-se parte essencial da prática docente. A adaptação a esse novo cenário exigiu grande esforço de professores e alunos, e, para mim, foi uma oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos durante a graduação, enfrentando as complexidades do ensino em tempos de distanciamento social.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) oferece uma confirmação para aqueles que ainda têm dúvidas sobre seguir a carreira docente. Através do programa, é possível visualizar tanto os aspectos positivos quanto os desafios da prática de ensinar, que vão além da sala de aula, englobando as barreiras sociais e econômicas enfrentadas pelas escolas, pelos bairros, pelas famílias dos alunos e pelos próprios professores. Antes da pandemia, esses obstáculos já eram conhecidos no ambiente presencial, mas, com o advento da COVID-19, uma nova realidade se impôs de maneira ainda mais complexa. O cenário global de medo, desespero e o crescente número de mortes diárias tornaram o ambiente de ensino ainda mais desafiador.

Além da crise sanitária, surgiu um novo dilema: a população precisava continuar trabalhando para garantir o sustento de suas famílias, ao passo que crianças e adolescentes necessitavam seguir com seus estudos. No entanto, a pandemia trouxe consigo um aumento nas mutações do vírus, o que impossibilitava a continuidade da vida como antes, impondo à população a difícil escolha entre permanecer em casa e enfrentar a fome e as dificuldades financeiras, ou arriscar-se nas ruas e contrair a doença.

Diante dessa situação, as escolas precisaram adaptar-se rapidamente, implementando aulas remotas e reorganizando completamente o processo de ensino. Os professores, por sua vez, enfrentaram o desafio de aprender a trabalhar com novos planos de ensino e com uma nova metodologia, ao mesmo tempo em que ensinavam seus alunos sobre esse novo formato de aula. Essa adaptação repentina trouxe à tona as reflexões de Paulo Freire (1978), que ressalta o papel do educador como um constante inventor e reinventor de meios e caminhos para facilitar o aprendizado, mesmo em meio às dificuldades.

O educador deve ser um inventor e um reinventor constante desses meios e desses caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do objeto a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos. (Freire, 1978, p. 12-13).

Ao ingressar no PIBID, tive a oportunidade de aprofundar meu entendimento sobre as diversas situações enfrentadas pelos professores, especialmente aqueles que atuam em escolas municipais situadas em bairros periféricos e distantes dos centros urbanos. Essa experiência me permitiu observar de perto os desafios que a docência impõe, principalmente em contextos de maior vulnerabilidade social.

Durante as aulas da Professora de Línguas Adicionais Caren Albanio, em uma escola municipal localizada em um bairro de baixa renda, deparei-me com uma realidade que me surpreendeu. As turmas eram compostas por poucos alunos, e logo percebi as dificuldades enfrentadas pelas famílias. Uma das questões que mais me impactou foi o fato de que muitos pais e filhos precisavam compartilhar o mesmo aparelho celular para trabalhar e estudar, algo que, até aquele momento, eu não havia considerado como uma possibilidade real.

Logo nas primeiras semanas do PIBID, fomos informados pela professora Caren Albanio sobre a realidade enfrentada pela Escola Municipal Arthur Damé, onde realizaríamos nossas observações. A professora nos alertou sobre as possíveis dificuldades que encontraríamos, especialmente no que diz respeito à participação dos alunos nas aulas remotas. Ela nos explicou que, em algumas famílias, havia apenas um aparelho celular disponível, utilizado pelos pais durante a jornada de trabalho, o que impossibilitava o acesso dos filhos às aulas online. Além disso, muitos alunos não tinham conexão à internet em casa e dependiam de pacotes de dados fornecidos pelas operadoras de celular, o que aumentava consideravelmente os custos e contribuía para a ausência de muitos estudantes.

Diante dessas dificuldades, a professora Caren apresentou uma solução para os alunos que, por motivos financeiros e externos, não conseguiam acompanhar as aulas remotas, mas que, ainda assim, não deveriam ser privados do ano letivo. A escola se prontificou a imprimir todas as atividades propostas pelas professoras, permitindo que esses alunos pudessem estudar e acompanhar o conteúdo

de forma mais acessível. Semanalmente, os pais iam até a escola para retirar os materiais impressos e entregar as tarefas realizadas em casa. Cada série tinha um dia específico da semana para a entrega e devolução dos materiais.

Após esses esclarecimentos, tivemos a oportunidade de escolher nossas duplas e as turmas que gostaríamos de acompanhar nas observações. Eu escolhi minha dupla e optamos por observar uma turma do 9º ano. No entanto, essa turma tinha uma peculiaridade: apenas uma aluna participava regularmente das aulas remotas, pois seus colegas não tinham acesso nem à internet fixa (wifi) nem à internet móvel (3G). Com isso, pude observar dois tipos de planejamento: um voltado para a aluna que estava presente nas aulas online, e outro para os colegas que recebiam as atividades impressas. Aproximadamente 60% da turma respondia às atividades enviadas via Google Forms, enquanto os demais, cerca de 40%, realizavam as atividades impressas disponibilizadas pela escola.

Quando chegou o momento de planejar e aplicar uma atividade com a aluna presente, enfrentamos uma série de dificuldades. A expectativa inicial era de que estaríamos em uma sala de aula com cerca de 20 alunos, onde poderíamos utilizar o quadro e interagir presencialmente. No entanto, a realidade era outra: o Google Meet havia se tornado a nossa sala de aula, e as fotos de perfil dos alunos substituíam sua presença física. A experiência era semelhante à gravação de um podcast, já que, nas aulas remotas, apenas ouvimos as vozes dos colegas, sem vê-los.

O objetivo da atividade que planejamos era estabelecer uma conexão entre o conteúdo e a realidade dos alunos. Como destaca Paulo Freire (1987, p. 49), “nosso papel não é falar ao povo sobre nossa visão de mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa”. Dessa forma, a atividade foi elaborada para correlacionar o aprendizado em sala de aula com o conhecimento prévio dos alunos, tornando o conteúdo mais próximo de suas realidades e, assim, facilitando o processo de aprendizado.

Para a atividade, optamos por utilizar elementos comuns à sala de aula, como quadro, caneta, aluno, professor, régua, lápis, mesa, borracha, entre outros. Criamos uma cruzadinha para os alunos completarem com base nas dicas sobre esses elementos. Além disso, incluímos algumas figuras que faziam parte do design da atividade, com o intuito de auxiliar os alunos na identificação das respostas corretas, promovendo uma observação mais ampla e estimulando o raciocínio.

Realizamos essa atividade com a única aluna que participava das aulas remotas, e posteriormente entreguei o material à escola para que fosse impresso e distribuído aos demais alunos que realizavam as atividades em suas casas. Essa experiência no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) revelou-se extremamente desafiadora, pois, até então, eu não havia compreendido a real dimensão das dificuldades enfrentadas pelos professores. Ouvir relatos sobre os obstáculos vividos no exercício da docência é uma coisa; vivenciar essas

dificuldades, lidando diretamente com elas ao lado de profissionais da área, é uma experiência completamente distinta.

Durante esse período, além das aulas práticas, tivemos a oportunidade de participar de palestras sobre temas relevantes, como o estudo do Espanhol e a invisibilidade do Espanhol latino-americano. Esses debates me trouxeram um sentimento de injustiça e um desejo profundo de estudar cada vez mais sobre o assunto. Acredito que, se não fosse pela excelência dessas palestras, ministradas de forma remota, talvez eu nunca tivesse tomado consciência de que a segunda língua mais falada no mundo é tão pouco valorizada quando falada por latinos. Essa constatação me causou tristeza, pois trata-se de uma situação gritante que raramente recebe destaque nos meios de comunicação. Uma das formas mais eficazes de compreender melhor essa questão linguística e geográfica foi por meio do livro *A Invisibilidade da América Latina*, indicado pelo Professor Moacir Camargos, que nos proporcionou leituras enriquecedoras e debates sobre as questões de apagamento e desvalorização da população e da língua latinas.

Sou profundamente grata por essa experiência única proporcionada pelo PIBID, que, em tempos de pandemia, foi essencial para minha formação como docente. Nunca havia enfrentado uma situação tão grave quanto essa, com impactos tão profundos na vida e na educação de professores, alunos e suas famílias. Ter a oportunidade de me preparar e aprender a lidar com essa crise, que desestabilizou a sociedade de maneira tão intensa, não tem preço.

Encerrando este relato, gostaria de expressar meu sincero agradecimento ao Prof. Dr. Moacir Camargos e à professora Caren Albanio, que nos guiaram e nos ajudaram a dar o nosso melhor, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Agradeço também ao PIBID por tornar essa experiência possível, uma vivência que certamente marcou minha trajetória. Para concluir, deixo as palavras de Paulo Freire: “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (Freire, 1999).

Muito obrigada!

Considerações finais

Ao concluir este relato, é impossível não refletir sobre a magnitude e a importância da docência em tempos tão desafiadores. A experiência da autora no PIBID não apenas a preparou para enfrentar as adversidades do cotidiano escolar, mas também a sensibilizou para as realidades muitas vezes invisíveis que permeiam a educação. A pandemia trouxe consigo um novo cenário para o ensino, onde professores e alunos precisaram se adaptar rapidamente às novas tecnologias e ao ensino remoto. Esse processo, como descrito no relato, foi marcado por incertezas, mas também por

inúmeras oportunidades de crescimento pessoal e profissional.

A autora compartilha suas vivências de forma honesta e tocante, revelando os dilemas, as superações e, principalmente, o amadurecimento que a docência proporcionou. As palavras de Paulo Freire, mencionadas ao longo do texto, nos lembram da responsabilidade que cada educador carrega: a de ser um agente de transformação. E, neste sentido, o relato da autora nos mostra como o PIBID foi um espaço de prática e reflexão que a incentivou a ser uma professora comprometida com a realidade de seus alunos, com o contexto social ao seu redor e com a educação como um todo.

A gratidão expressa no final do texto, dirigida aos professores que a guiaram e ao próprio programa, reforça o impacto profundo que essas experiências tiveram em sua formação. Assim, este relato não apenas conclui uma etapa importante da vida acadêmica da autora, mas também abre caminho para novas reflexões e desafios. Fica evidente que, para ela, a docência não é apenas uma profissão, mas uma escolha de vida, um ato de coragem, como nos ensina Freire. E, ao encerrar suas palavras, a autora nos deixa uma mensagem de esperança: que, apesar de todos os obstáculos, a educação continua sendo um dos maiores instrumentos de transformação social e humana.

Referências

FREIRE, P. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIZUKAMI, M. G. N. Escola e desenvolvimento profissional da docência. In: GATTI, B. A. *et al.* **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 23-54.

PANIAGO, R. N. Contribuições do PIBID para a aprendizagem da docência na formação inicial de professores. **Itinerarius Reflectionis**, Goiânia, v. 12, n. 1, 2016.